

Algumas notas sobre CHARLOT

a propósito do seu filme «Tempos Modernos»

POSITIVAMENTE Charlie Chaplin é um homem extraordinário, artista surpreendente, criador fecundo e genial. As reexibições que ultimamente se têm feito de alguns filmes velhíssimos de Charlott, permitiram-nos constatar, mais uma vez, esta coisa admirável e única: enquanto que, de uma maneira geral, outros filmes, mesmo dos melhores, não conseguem resistir ao tempo e envelhecem com espantosa rapidez no decurso dum triénio, os filmes de Chaplin, de há dez ou quinze anos—apesar dos limitados recursos técnicos de que então se dispunha—, permanecem numa extraordinária actualidade, quero dizer: conseguem obter do público as mesmas reacções, mantêm o mesmo efeito cómico e conservam, apesar da sua antiguidade, uma originalidade notável e, até, uma surpreendente frescura. E se analisarmos, recordando-a, toda a obra vastíssima de Charles Chaplin, vemos que os seus processos são sempre os mesmos, invariável esse tipo simbólico que é Charlott, banais em essência os assuntos dos seus filmes. Porque, afinal, cada um dos seus filmes não passa, em resumo, dum simples «fait-divers». Mas aí reside justamente a prova do seu génio «porque, como o afirma Elie Faure, para fazer uma obra-prima dum «fait-divers» é preciso ser-se Shakespeare... ou Charles Chaplin.»

Não procuremos complexidade em Charlott. Tudo na sua obra é simples e, por vezes, infantil; por isso tanto mais difícil de explicar é a sua arte. Ao automatismo ele alia uma sensibilidade profunda. Assim, obtido por qualquer processo material determinado efeito cómico, imediatamente ele opõe uma nota humana e emocionante, muitas vezes com acertado sentido filosófico, num estupendo jogo de contrastes e surpresas que nos fazem rir até às lágrimas, sem nos deixar nunca saber ao certo se essas lágrimas vieram só à força de nos fazer rir...

Chaplin (1) sabe tirar partido de tudo, não volta as costas nem à realidade a mais crua nem à fantasia a mais desemfreada e jámais os voos da sua imaginação fecunda vêm prejudicar a sagaz e penetrante observação das coisas humanas, desde o ridículo duma situação desastrosa até à ternura dum coração generoso. Há ainda, em Chaplin, um conhecimento absoluto de todas as possibilidades e de todos os processos cómicos como ninguém mais possui. «Actor admirável, Chaplin sabe ao certo o valor do menor gesto e, o que é mais importante, sabe com justeza quando é útil tal gesto.» Porisso Charlott, levando de mão dada a farça e a tragédia, nunca é grotesco.

Não procuremos aprofundar a explicação do seu «milagre», que nos levaria longe; admiremos o que este artista tem de genial e saibamos prestar-lhe a compreensão do nosso coração e da nossa inteligência.

(1)—Eu digo indiferentemente Chaplin e Charlott porque o criador confunde-se com o personagem criado.

Vejamos agora o seu novo filme «Tempos Modernos». Em realidade, tecnicamente, Chaplin não deu um passo. A construção dos seus filmes não varia e digamos, mesmo, que «Tempos Modernos» está um tanto desarticulado—para o que devem ter contribuído certas legendas perfeitamente desnecessárias. Mas como é subtil, intencional, admirável! E como jámais evolui a sua «maneira», assim Charlott se conserva o mesmo vagabundo generoso e sonhador, levado aos trambolhões pelos acasos da sorte, vencido da vida em cujo ritmo não conseguirá nunca enquadrar-se.

Aqui, vêmo-lo prisioneiro da engrenagem duma grande fábrica, homem feito peça de máquina e a tal ponto que os movimentos mecânicos adquiridos no trabalho prevalecerão mesmo quando em descanso. Mais fraco do que os outros (o que ele têm é um grande coração, não é uma grande resistência), os seus nervos não resistem à tensão a que são mantidos e virá a loucura... a obsessão de apertar porca. Uma vez curado e atirado de novo à vida, o desgraçado vê-se-à envolvido «malgré lui» em acontecimentos inesperados, para que ele nada contribuiu, mas de que será considerado responsável (a manifestação subversiva e a recaptura dos presos evadidos), e nunca mais servirá para nada. Quando arranja um emprêgo e lhe mandam apanhar um calço, lança involuntariamente à água um barco meio construído...

Em breve o seu coração generoso encontrará na rapariga da rua um motivo de júbilo, de incitamento e de afectuosa expansão. Patentear-se-á agora a faceta poética de Chaplin.

Poeta, sim, é o que ele é acima de tudo, (não é admirável o seu sonho da casinha para os dois?). «Chaplin, diz André Bercler, tem essa facilidade genial de se adaptar como poeta às circunstâncias dum facto qualquer. Joga com o seu coração, e a sua imaginação sentimental é uma das mais poderosas que se têm visto. Que ele se mova no meio dos homens, que ele se deixe levar até à força greco-latina ou que ele represente num décor desguarnecido, ele mantém-se sempre poeta mesmo quando, por desenvolvimentos sucessivos e medidos, a poesia exige que ele vá até à «bouffonnerie». Basta então um segundo, um olhar, um gesto insignificante para nos lembrar que ele não troçou de nós, que ele está ali com um coração semelhante ao nosso. Chaplin possui o coração humano a tal ponto que dá a expressão original de todas as manifestações físicas possíveis dos sentimentos».

E, como sempre («Luzes da Cidade» fez excepção, Charlott no final era esmagado pela miséria e pelos desenganos), em «Tempos Modernos», a história desenrola-se de igual maneira, entre dissabores inesperados e sucessos imprevistos, até ao fim. Esconçado ou sem sorte, melhor ou pior, perdidas as ilusões, um raio de esperança virá animá-lo de novo e ele seguirá conformado (e desta vez confiante) pela longa estrada da vida à procura da felicidade... ou de outras ilusões.

D E C I N E M A